

Balanço da atividade econômica em 2023 e perspectiva para 2024¹

Rafael Bacciotti

Em 2023, a economia brasileira surpreendeu positivamente, com mínimos históricos na taxa de desemprego e uma desaceleração da inflação, permitindo ao Banco Central iniciar um ciclo de redução da taxa de juros. A expansão do setor agropecuário e o aumento da renda disponível amorteceram os efeitos da política contracionista. Para 2024, espera-se uma redução na força desses impulsionadores, com projeções de uma safra menor e aumento moderado na massa salarial. A diminuição da inflação possibilitará cortes na taxa Selic, sustentando investimentos e consumo, mas os riscos incluem a persistência da inflação global e a resiliência da inflação de serviços.

A perspectiva para o crescimento da economia brasileira em 2023 é de aproximadamente 3,0%, um aumento considerável em relação às estimativas iniciais feitas pelos agentes econômicos no início desse ano. De acordo com o Boletim Focus do Banco Central, as projeções médias de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em janeiro do ano passado indicavam 0,8%, com um intervalo de um desvio padrão entre 0,3% e 1,3%. À época, a Instituição Fiscal Independente (IFI) estimava uma expansão de 0,9%. O resultado oficial será divulgado no início de março, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentará o Sistema de Contas Nacionais referente ao quarto trimestre de 2023.

No que se refere aos setores produtivos, as estimativas iniciais no Boletim Focus apontavam para um avanço de 5,5% no PIB da agropecuária, 0,2% no PIB industrial e 1,0% no PIB de serviços. No entanto, as projeções mais recentes, baseadas em informações disponíveis até o quarto trimestre, indicam um desempenho mais robusto, com taxas de crescimento revisadas para 15,3%, 1,3% e 2,4%, respectivamente. Em todos os casos, as taxas superaram o intervalo previsto inicialmente (Tabela 1), com destaque para a maior surpresa vinda do setor agropecuário.

TABELA 1. PROJEÇÃO PARA O PIB DE 2023 E COMPONENTES (%) CONTIDAS NO BOLETIM FOCUS

	2022	Proj. 2023 (janeiro de 2023)	Menos 1 desvio padrão	Mais 1 desvio padrão	Proj. 2023 (janeiro de 2024)
PIB	3,0	0,8	0,3	1,3	2,9
Oferta					
Agropecuária	-1,1	5,5	2,9	8,0	15,3
Indústria	1,5	0,2	-0,8	1,1	1,3
Serviços	4,3	1,0	0,4	1,6	2,4
Demanda					
Consumo das famílias	4,1	1,2	0,3	2,1	2,9
Consumo do Governo	2,1	1,0	0,0	2,0	1,5
FBCF	1,1	1,0	-1,8	3,8	-2,1
Exportação	5,7	1,8	0,3	3,3	8,2
Importação	1,0	3,2	-1,4	7,9	-0,1

Fonte: Boletim Focus (Banco Central). Elaboração: IFI.

A expectativa inicial do mercado já indicava uma expansão na atividade agropecuária após a quebra de safra ocorrida em 2022, quando o PIB da agropecuária apresentou uma redução de 1,7% em relação a 2021. O otimismo inicial foi impulsionado pela perspectiva de uma safra recorde de grãos, especialmente na cultura de soja. Contudo, a magnitude dessa expansão, concentrada no primeiro semestre, revelou-se consideravelmente superior ao que se previa. Além do impacto direto do aumento da renda agrícola no PIB, a expansão da safra de grãos beneficiou a cadeia produtiva,

¹ Acesse o relatório completo por aqui: <https://www12.senado.leg.br/ifi/publicacoes-1/relatorio/2024/janeiro/raf-relatorio-de-acompanhamento-fiscal-jan-2024>.

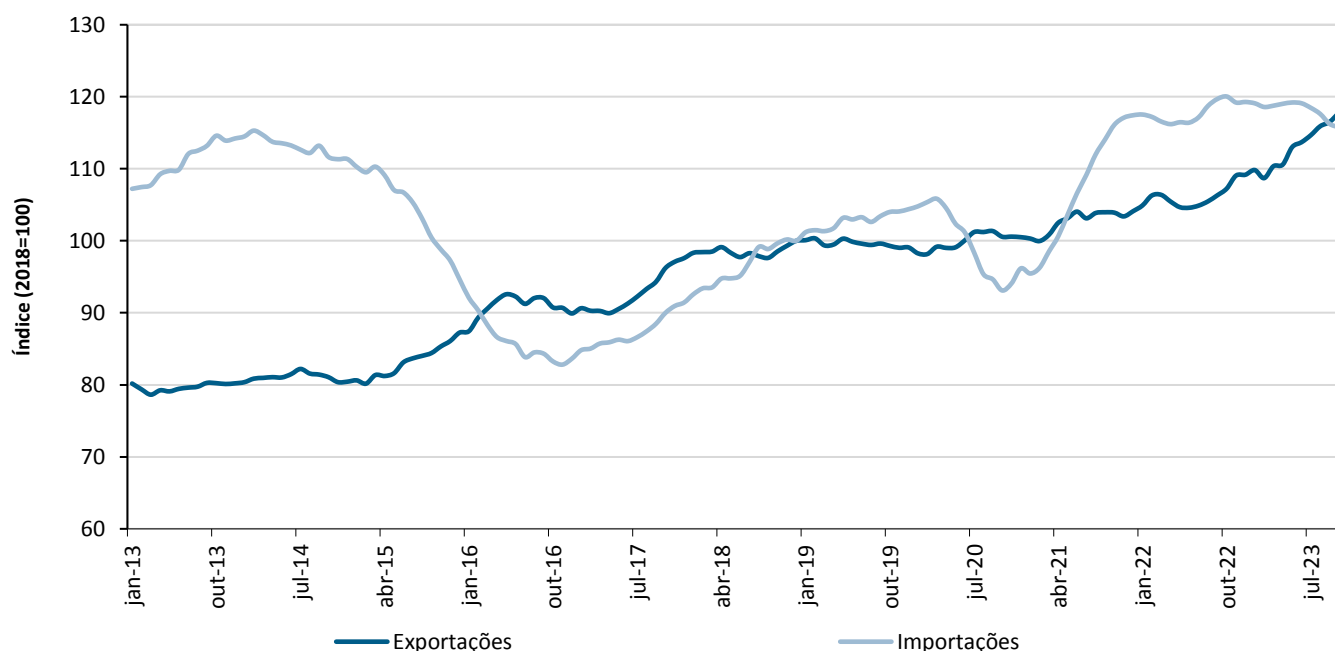
impulsionando outros setores como armazenamento e transporte. Adicionalmente, contribuiu para o aumento do volume de exportações.

O IBGE destaca que a recuperação da produtividade das lavouras de soja em grande parte do país, resultado da melhoria das condições climáticas, é o principal fator por trás desse resultado excepcional. O desafio de calcular em tempo real o impacto da agropecuária no PIB, devido à falta de dados de alta frequência, parece ser uma das principais causas do erro significativo nas projeções. Isso se torna mais evidente quando há variações substanciais na produção do setor.

Sob a ótica da demanda, as estimativas de janeiro de 2023 indicavam um crescimento de 1,2% no consumo das famílias, 1,0% no consumo do governo, 1,0% na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), 1,8% nas exportações e 3,2% nas importações. As projeções mais recentes revelam surpresas positivas no consumo das famílias (2,9%) e nas exportações (8,2%), contrastando com uma queda nos investimentos (-2,1%) mais acentuada do que o limite inferior das projeções iniciais.

No setor externo, os índices mensais de volume, divulgados até outubro, apontam para a continuidade da diminuição das importações e a intensificação da dinâmica positiva nas exportações. Esse movimento é influenciado pelo aumento nas vendas de produtos agrícolas, minério de ferro e petróleo, em um contexto de maior resistência na economia global, sobretudo de parceiros comerciais como a China e os Estados Unidos. Apesar do desempenho relativamente robusto do PIB ao longo do ano, a fraca performance de setores como a indústria de bens de capital contribuiu para explicar a pressão de baixa sobre as importações (Gráfico 1).

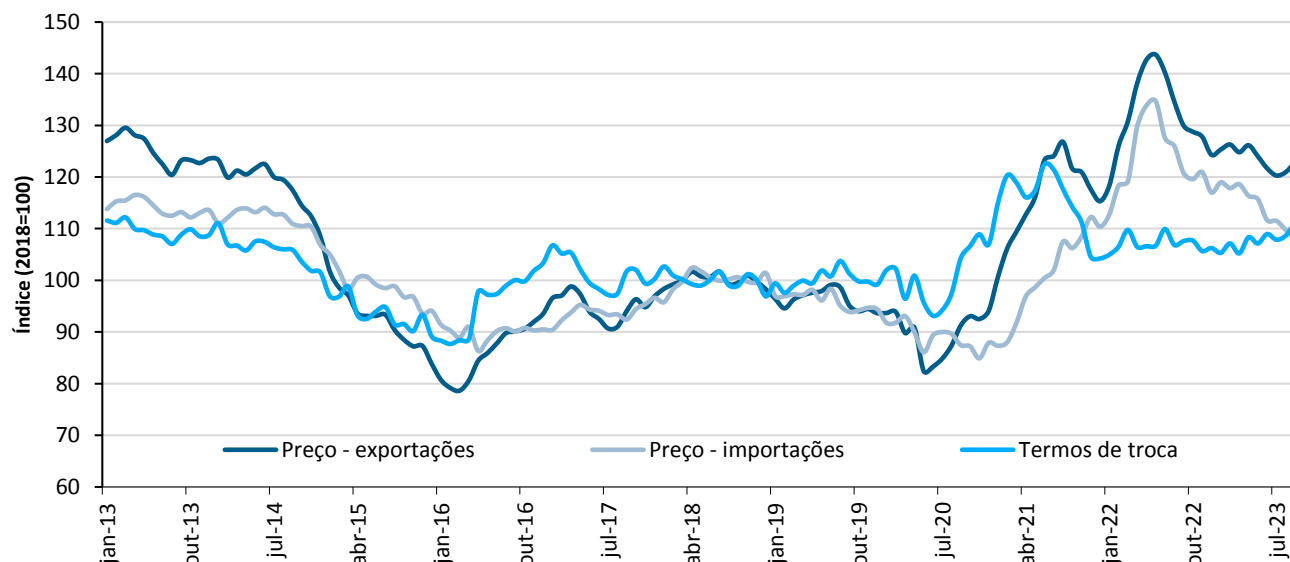
GRÁFICO 1. VOLUME DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES (ÍNDICE 2018=100)



Fonte: Ipeadata. Elaboração: IFI.

Ao mesmo tempo, a evolução dos índices de preços passou a resultar em uma leve melhora nos termos de troca, que representam a relação entre os preços de exportações do país e suas importações, contribuindo para um aumento na renda nacional. Apesar da redução nos preços das commodities, eles mantiveram-se em níveis relativamente elevados (Gráfico 2).

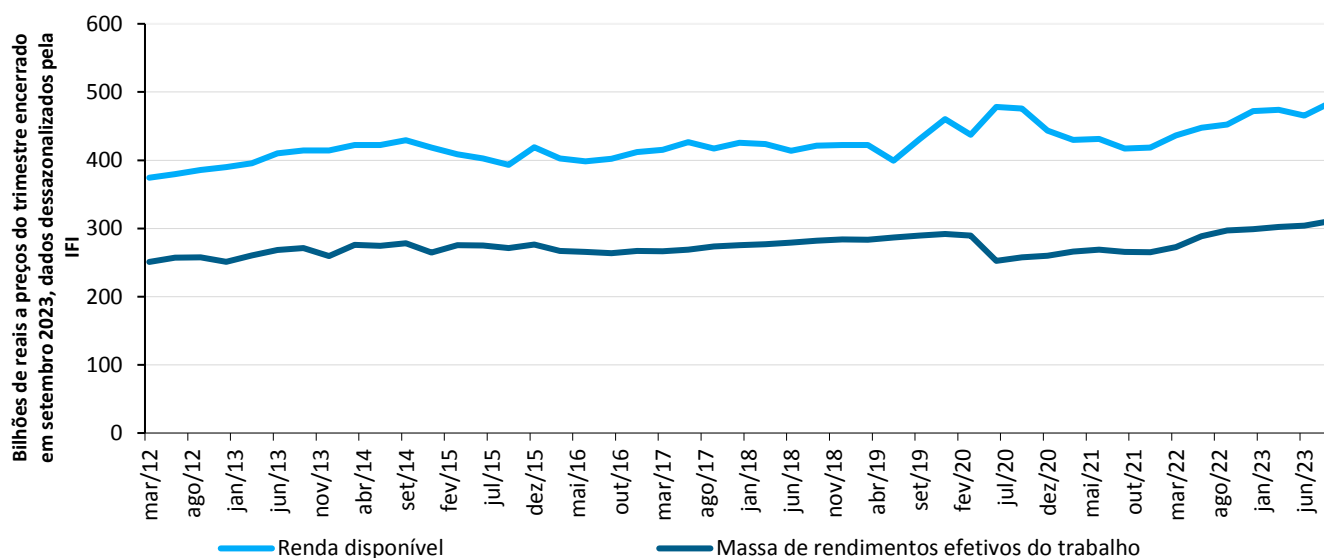
GRÁFICO 2. TERMOS DE TROCA (ÍNDICE 2018=100)



Fonte: Ipeadata. Elaboração: IFI.

A sustentação do consumo privado ao longo do último ano pode ser atribuída, em grande medida, ao aumento da renda disponível. Ao considerar a variação acumulada em doze meses, a renda nacional disponível das famílias, um indicador calculado pelo Banco Central que engloba outras fontes de renda além do trabalho, aumentou 8,0% em setembro de 2023, com evolução mensal ilustrada no Gráfico 3. Esse crescimento do indicador, que atingiu um volume de R\$ 491,5 bilhões no trimestre encerrado em setembro, é resultado da dinâmica positiva do mercado de trabalho e do estímulo fiscal decorrente da expansão do volume de benefícios de assistência social, exemplificados pelo programa Bolsa Família.

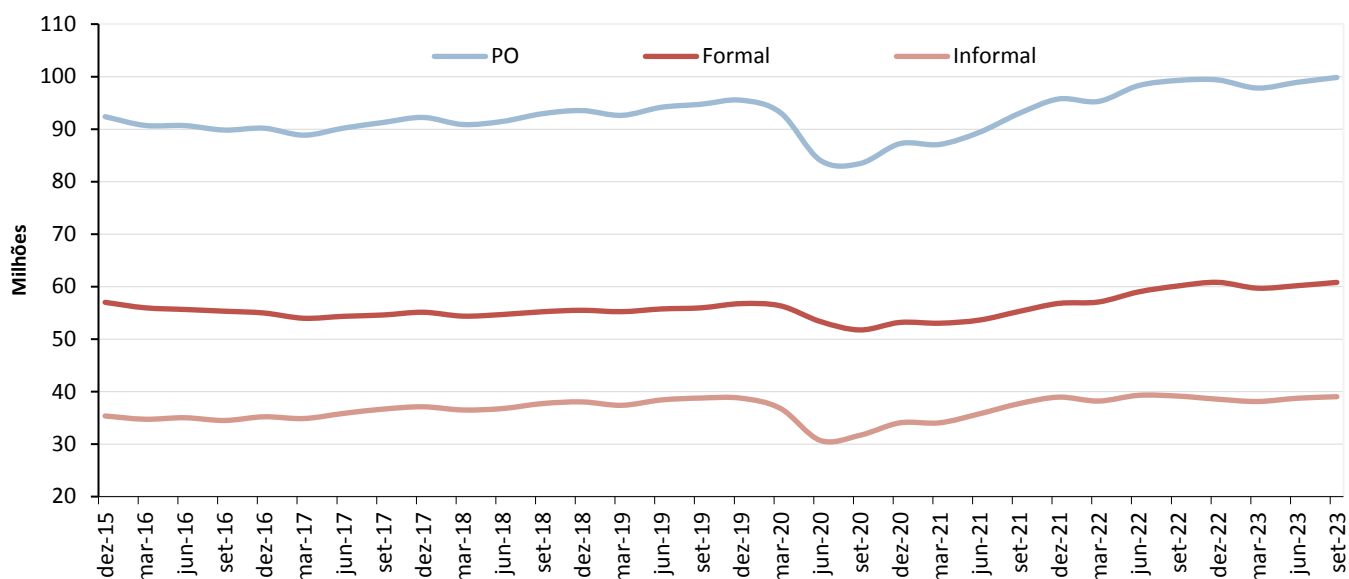
GRÁFICO 3. RENDA NACIONAL DISPONÍVEL DAS FAMÍLIAS E MASSA DE RENDIMENTOS EFETIVOS DO TRABALHO (R\$ BILHÕES)



Fonte: Banco Central e IBGE. Elaboração: IFI.

Os dados da PNAD Contínua revelaram um cenário positivo no mercado de trabalho ao longo de 2023, destacando a redução do contingente de pessoas desocupadas e desalentadas (que desistiram de procurar trabalho devido à falta de oportunidades). Ao mesmo tempo, houve um aumento na população ocupada com carteira assinada. Conforme evidenciado no Gráfico 4, o crescimento do emprego concentrou-se nas posições formais, as quais ultrapassaram os níveis pré-pandemia, enquanto o emprego informal permaneceu praticamente estagnado no patamar de dezembro de 2019.

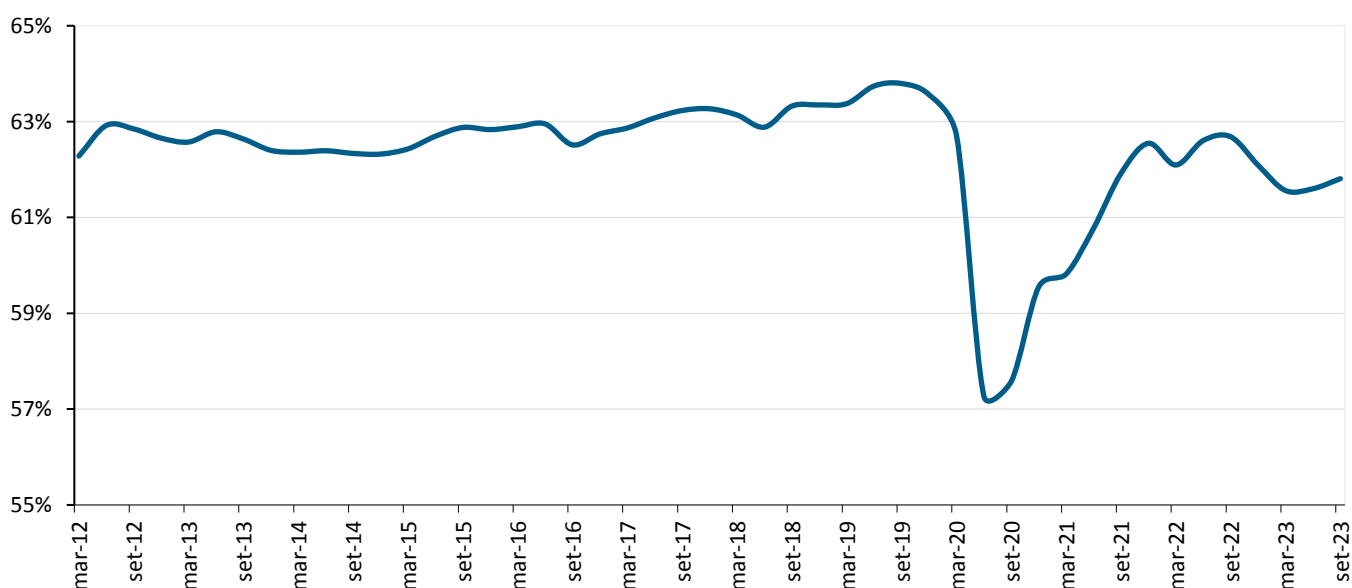
GRÁFICO 4. NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

Apesar da redução do desalento impulsionada por melhorias nas condições econômicas, incluindo emprego e renda, o número de pessoas fora da força de trabalho aumentou. Essa dinâmica pode ser observada pela manutenção da taxa de participação no mercado de trabalho abaixo dos níveis pré-pandemia ao longo do ano. No terceiro trimestre de 2023, esse indicador, que representa a proporção de pessoas na força de trabalho em relação à população em idade de trabalhar, atingiu 61,8%, apresentando um leve avanço em comparação com o primeiro semestre do ano (Gráfico 5). No entanto, ainda permanece 0,9 ponto percentual abaixo do mesmo período do ano anterior e 1,8 ponto percentual abaixo do nível pré-pandemia.

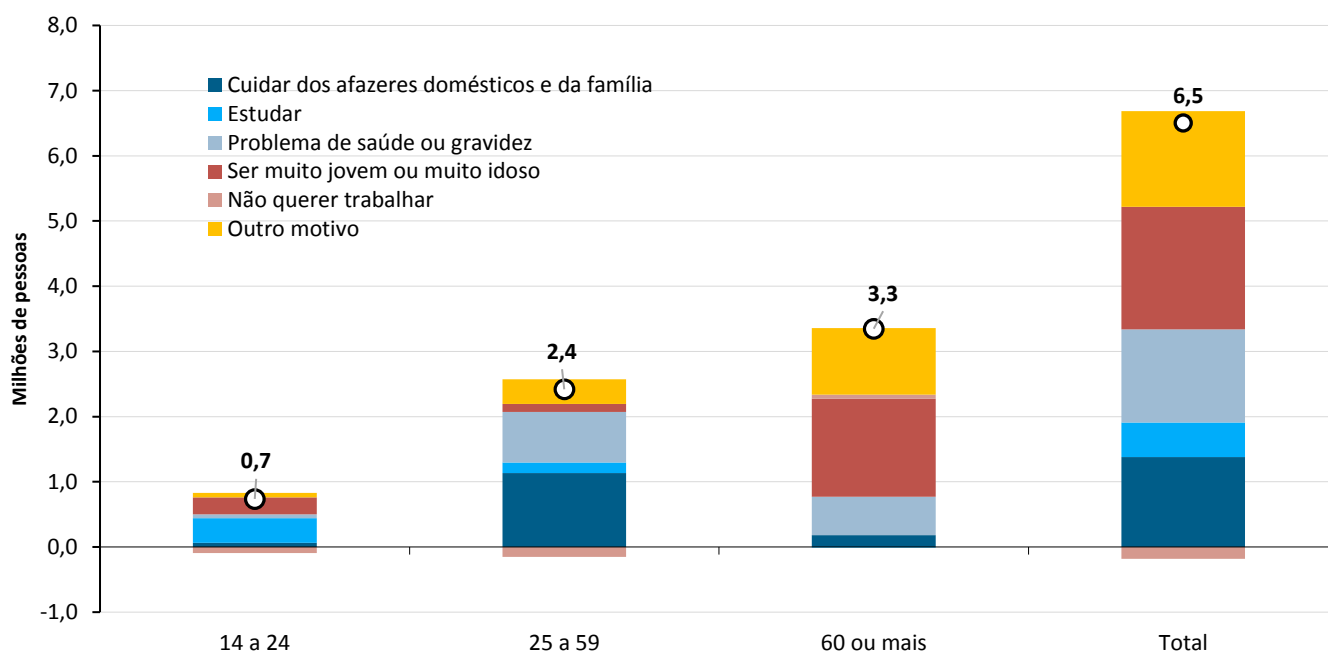
GRÁFICO 5. TAXA DE PARTICIPAÇÃO



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

Os microdados da PNAD Contínua disponíveis até o terceiro trimestre de 2023 permitem visualizar que houve um acréscimo de 6,5 milhões de indivíduos fora da força de trabalho potencial em comparação com o período anterior à pandemia. A maioria tem 60 anos ou mais, seguida por pessoas de 25 a 59 anos dedicadas aos cuidados dos afazeres domésticos (Gráfico 6)². A possibilidade de a participação na força de trabalho retornar aos níveis observados antes da pandemia depende de identificar em que medida o aumento da inatividade se deve a fatores temporários e conjunturais que podem ser revertidos, em oposição a fatores mais persistentes.

GRÁFICO 6. VARIAÇÃO NA INATIVIDADE ENTRE 4T/19 E 3T/23 POR GRUPOS DE IDADE E MOTIVOS PARA NÃO PROCURAR EMPREGO



Fonte: IBGE. Elaboração: IFI.

A expansão relativa das contratações e a menor participação de pessoas no mercado de trabalho têm mantido a taxa de desemprego em níveis historicamente baixos, o que contribui para pressionar os salários, inclusive em termos reais. O aumento do poder de compra, decorrente da desaceleração da inflação, reforça ainda mais o cenário positivo para o consumo privado, que demonstra resiliência mesmo em um ambiente no qual a taxa de juros real permanece elevada.

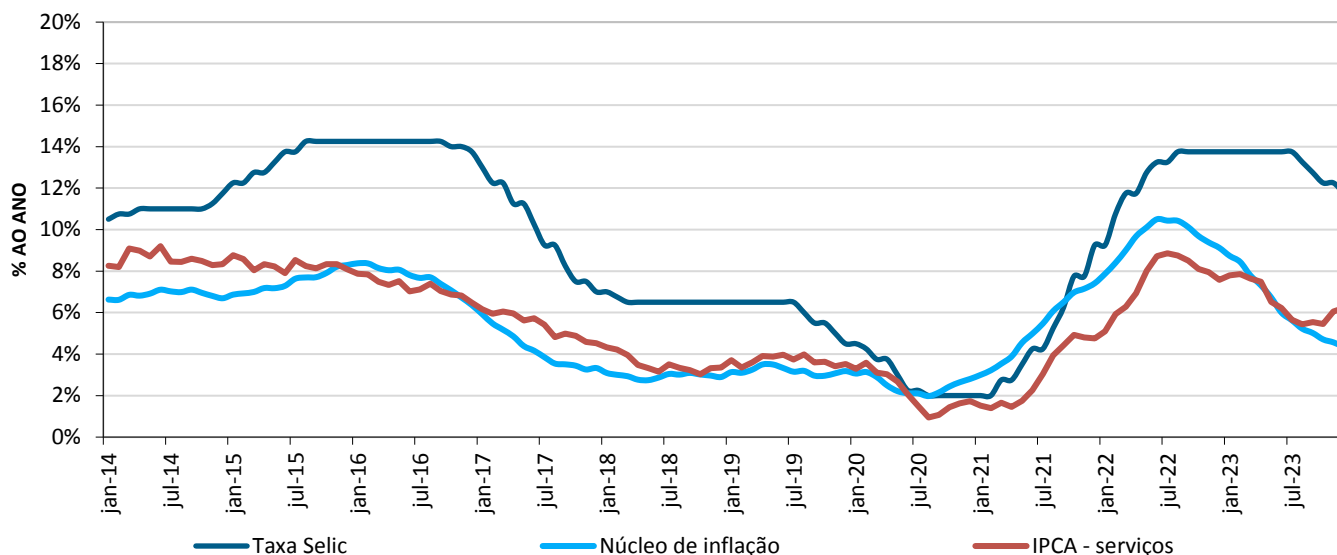
É relevante mencionar que a inflação ao consumidor, medida pelo IPCA, encerrou o ano de 2023 com uma alta acumulada de 4,6% em doze meses, situando-se dentro do limite de tolerância da meta estabelecida pelo CMN, a primeira vez desde 2020. Este resultado ficou abaixo do registrado no ano anterior (5,8% em 2022) e também aquém das expectativas do mercado no início do ano passado (5,34% de acordo com o Boletim Focus).

Esse desempenho é atribuído à desaceleração mais intensa do que o previsto no conjunto de preços livres, que registrou um aumento de 3,2%, superior à variação de 9,4% em 2022, enquanto a média das projeções de mercado no início de 2023 estava em 4,9%. Dentro dos preços livres, observou-se queda nos preços de alimentos (-0,5% em 2023 ante 13,2% em 2022), uma desaceleração expressiva nos bens industriais (1,1% ante 9,6%) e uma desaceleração mais moderada nos preços de serviços (6,2% ante 7,6%).

No que diz respeito aos preços administrados, estes avançaram 9,1% em 2023, uma variação superior ao resultado de 2022 (-3,8%) e acima do consenso de mercado (7,0%), refletindo a reversão dos preços de combustíveis e energia elétrica.

² Atualização de parte da análise discutida no RAF 81 sobre o desempenho recente do mercado de trabalho, utilizando os microdados da PNAD Contínua do segundo trimestre de 2023. Para mais detalhes, consulte: <http://tinyurl.com/ifi-brasil-raf-81-topicos>.

GRÁFICO 7. IPCA E TAXA SELIC



Fonte: Banco Central e IBGE. Elaboração: IFI.

Em 2023, a economia apresentou um desempenho notavelmente positivo, superando as projeções iniciais do ano. A taxa de desemprego atingiu mínimos históricos, enquanto a inflação ao consumidor iniciou uma trajetória de desaceleração, possibilitando que o Banco Central iniciasse um ciclo de redução da taxa de juros (Gráfico 7). Apesar da perspectiva de estabilidade da atividade econômica no quarto trimestre, estima-se que o PIB cresça ao redor de 3,0%, praticamente a mesma taxa registrada em 2022 (2,9%). A expressiva expansão do setor agropecuário no primeiro semestre e o aumento da renda disponível, em parte devido aos recursos transferidos às famílias de baixa renda, atenuaram os efeitos da política monetária contracionista sobre a demanda agregada.

Para 2024, antecipa-se uma redução na força desses impulsionadores de crescimento, com projeções de uma safra menor e um aumento mais moderado na massa salarial e nos benefícios sociais. No entanto, a diminuição da inflação deverá viabilizar novos cortes na taxa Selic, o que sustentará as perspectivas para investimentos e consumo. Os riscos desse cenário são consideráveis, destacando-se a possibilidade de persistência da inflação global, decorrente, por exemplo, da escalada dos conflitos no Oriente Médio, e a resiliência da inflação de serviços doméstica. A previsão da IFI contempla expansão de 1,2%, um pouco abaixo da mediana apresentada no Boletim Focus (1,6%).

Comparativamente, o crescimento do PIB brasileiro em 2023 deve ter sido ligeiramente superior à taxa do PIB global e do PIB da América Latina e Caribe. Segundo as estimativas mais recentes do Banco Mundial³, prevê-se uma desaceleração do crescimento global de 3,0% em 2022 para 2,6% em 2023, influenciada por políticas monetárias restritivas, condições de crédito mais apertadas e baixos níveis de comércio e investimento globais. A expansão do PIB da América Latina e Caribe também deve perder vigor, de 3,9% em 2022 para 2,2%, principalmente devido à contração da economia argentina, que transita de 5,0% para -2,5%. Para o ano seguinte, o Banco Mundial estima que o PIB global, o PIB brasileiro e o PIB da região América Latina e Caribe devem apresentar crescimentos de 2,4%, 1,5% e 2,3%, respectivamente.

³ Relatório Perspectivas Econômicas Globais, disponível em: <http://tinyurl.com/3crn4v2a>.